

O espetáculo do fetiche¹

Paulo Sergio Duarte*

O artigo aborda as megaexposições realizadas nos últimos 30 anos. Essas exposições organizadas por temas e coordenadas por curadores, que eventualmente se julgam curadores-artistas, sobrepõem-se à história da arte, privilegiando o espetáculo como forma de reativar o interesse pela arte fora dos museus.

Megaexposição, temática, curador

Se você sai de casa para ir ver uma exposição de arte, o que você espera? Ver obras de arte, não é verdade? Agora, se for a uma megaexposição de arte, ainda por cima temática, do tipo “Fluxos Libertários”, “A Desmaterialização dos Rizomas” ou, quem sabe, “500 Anos”, sob a batuta de um curador, uma dessas mostras megalômanas que vêm sendo realizadas pelo mundo todo, desde a segunda metade dos anos 70, com custos de ordem de milhões, às vezes dezenas de milhões de dólares, suas chances de ver obras de arte ficam bastante reduzidas. É um paradoxo, porque deveria ocorrer justamente o contrário. Mas não tenha dúvida, você não verá obras de arte ou, pelo menos, como a maior parte dos artistas pensou que elas seriam vistas quando as concebeu, mas assistirá a um espetáculo. É claro que, com frequência, de consistência duvidosa.

Nesses espaços, as obras estarão eclipsadas pelas costuras temáticas, subordinadas a uma ordem intelectual construída pelo curador. Os “fluxos libertários” ou “os rizomas desmaterializados” são temas fictícios que estou inventando para o leitor pensar até onde vai a imaginação criativa dos curadores. São “temas” como esses que supostamente orientam a concepção das megaexposições. E existem os curadores que, literalmente, reivindicam para si próprios o estatuto de artistas: o megaevento passa a ser a nova obra de arte por eles concebida. Quanto ao tema “500 Anos” qualquer semelhança com pessoas ou fatos reais não é mera coincidência.

São curiosos esses deslocamentos que, se quiserem, podem chamar de pós-modernos ou hipermodernos. Grandes obras de arte realizadas coletivamente e concebidas por um autor existem há muito tempo. A ópera e o cinema são gêneros que mais se prestam a essa comparação.

No megaevento de arte, as obras perdem sua autonomia e individualidade para ser as protagonistas involuntárias da obra do curador. Isso é bem diferente do que ocorre no teatro, na ópera ou no cinema. As associações temáticas, quase sempre, produzem vínculos arbitrários saídos da cachola desse novo criador, que antes era o organizador com formação em história da arte e que, agora, põe a história para

* Paulo Sergio Duarte é crítico e professor de história da arte, pesquisador do Centro de Estudos Sociais Aplicados – CESAP, da Universidade Candido Mendes.

¹ Este artigo foi publicado em outubro de 2003, no *Correio Braziliense*.



Bienal Brasil+500, Módulo Barroco, curadoria de Myriam Ribeiro, cenografia de Bia Lessa. Parque do Ibirapuera, São Paulo, 2000

escanteio e constrói a visualização de suas próprias invenções teóricas. Como não chovem filósofos no mundo contemporâneo, o resultado dessas teorias beira a mais completa indigência. Tudo à custa da obra alheia, que pode passar a ser olhada com um sentido que nunca possuiu e que nunca mais possuirá, uma vez retirada daquele cenário curatorial. De qualquer forma, a missão maior que o curador do megaevento cumpre, e não importa se consciente ou inconscientemente, é o sacrifício da arte.

Isso ocorre pela tentação irresistível do fetiche contido no espetacular. E surge, historicamente, em circunstâncias precisas nos países de capitalismo avançado: quando se encontram saturadas as instituições museológicas responsáveis pelos acervos históricos de arte. Os museus de arte continuavam a cumprir sua missão de preservação e difusão de acervos. As bienais, organizadas por países, apresentavam periodicamente uma produção desconexa e sem critérios padronizados. Liberar a imaginação do curador no megaevento foi a fórmula encontrada para reativar o “interesse pela arte” fora dos museus, nesta nova instituição apresentada como o próprio espetáculo artístico, animadora da vida urbana degradada, a megaexposição.

Fenômeno compreensível em países ricos, onde são realizadas ao lado das poderosas coleções públicas, é inexplicável quando reproduzido em países pobres, como o Brasil, no qual em nenhuma cidade um professor de história da arte pode levar seus alunos para mostrar a história da arte de seu próprio país. O curador se esquece da história, possuído pela lógica do espetáculo, em plena hegemonia neoliberal, não entra apenas no macroclima que se generaliza com a globalização: cria seu próprio fetiche para a sedução das massas urbanas desprovidas de formação crítica. E, pior, não passa pela cabeça desses animadores culturais vincular suas despesas milionárias a uma política de aquisição de obras para enriquecer os acervos públicos.